



MICROANÁLISE ETNOGRÁFICA: uma descrição voltada para o letramento em sala de aula

Joel Guedes de Sousa

UEPB – Mestrado em Formação de Professores – joel-guedes@hotmail.com

Orientação: Prf^ª Dra. Paula Almeida de Castro

Este trabalho fará uso da microanálise etnográfica, descrevendo-se um contexto do letramento na sala de aula de Língua Portuguesa do ensino Fundamental II. Evidenciando-se que instigar a leitura e a escrita como incentivo na formação de um aluno letrado e capacitado para lidar com os desafios que a sociedade impõe tem sido uma situação difícil para muitos professores conseguirem incluí-lo, pois relata-se que durante as suas aulas já não enxergam no alunado o desejo de realizar leituras por conta própria, a não ser por imposição. E se estimular a leitura, já pode ser tratado como algo complexo, imagine a escrita, nossos alunos parecem não ter o hábito de ler e escrever textos. Dessa forma, este trabalho utiliza-se de uma proposta de análise etnográfica, mais precisamente uma microanálise na sala de aula de Língua Portuguesa, tendo como objetivo geral: realizar uma microanálise etnográfica nas aulas de Língua Portuguesa em uma escola da rede pública de ensino, voltando-se para o letramento em sala de aula, a partir da cultura popular, mas especificamente a literatura de cordel e a representação gráfica da sanfona. Apresentando como objetivos específicos: a) instigar a leitura e a escrita utilizando-se de recursos da cultura popular; b) capacitar o aluno para desenvolver atividades que lhes der prazer ao ler e escrever; c) visualizar o senso crítico do aluno diante de seus próprios trabalhos. Portanto, realizar-se-á a descrição de alguns momentos relacionados as aulas de Língua Portuguesa, interpretando-se os principais acontecimentos das práticas de letramento vivenciados na sala de aula.

Palavras-chave: Microanálise etnográfica, Letramento, Sala de aula, Língua Portuguesa.

Introdução

O estudo da Linguagem é um instrumento constante na vida de pesquisadores que atuam na descrição do comportamento de uma determinada sociedade, e para detalhar determinadas transcrições esses estudiosos precisam levar em conta não somente situações de comunicação, mas todo um contexto social. Nesse sentido, esse trabalho fará uso da microanálise etnográfica, descrevendo um contexto do letramento na sala de aula de Língua Portuguesa.

Hoje é visto que instigar a leitura e a escrita como incentivo na formação de um aluno letrado e capacitado para lidar com os desafios que a sociedade impõe é uma situação difícil para

muitos professores, pois muitos relatam que durante as suas aulas já não enxergam no alunado o desejo de realizar leituras por conta própria, a não ser por imposição. Se estimular a leitura já pode ser tratado como algo complexo, imagine a escrita, nossos alunos parecem não ter o hábito de ler e escrever textos.

Assim, durante as aulas de Língua Portuguesa é possível observar essa falta de interesse em sala de aula. E a partir do desenvolvimento de projetos propostos pela escola em que se deu essa análise, enxergou-se a necessidade de tentar desenvolver um trabalho voltado para o letramento, em que a cultura desse aluno entrasse em evidência.

Através de pesquisa e consultas em livros e na internet, foi visto que seria propício para se trabalhar com o aluno algo vivenciado por eles, já que estávamos no período junino, que é de grande relevância para região nordeste, levando-se para sala de aula a ideia da confecção de um cordel e uma sanfona. Nessa atividade, eles teriam que produzir um cordel com essa temática, fator que já mostra o incentivo a escrita e a arte de uma cultura que aos poucos tem sido esquecida.

Ao produzir o cordel esses alunos usaram a escrita, além de fabricar desenhos de acordo com as histórias contadas, mas o trabalho não parou por aí, eles também leram para turma sua produção. Fator que vem demonstrar que quando você atua produzindo sua própria atividade, seu trabalho se torna mais valorativo.

Dessa forma, ao utilizar uma proposta de análise etnográfica, mais precisamente uma microanálise na sala de aula de Língua Portuguesa, este estudo tem como objetivo geral: realizar uma microanálise etnográfica nas aulas de Língua Portuguesa em uma escola da rede pública ensino, voltando-se para o letramento em sala de aula, a partir da cultura popular, mas especificamente a literatura de cordel e a representação gráfica da sanfona. Assim, apresenta como objetivos específicos: a) instigar a leitura e a escrita utilizando-se de recursos da cultura popular; b) capacitar o aluno para desenvolver atividades que lhes der prazer ao ler e escrever; c) visualizar o senso crítico do aluno diante de seus próprios trabalhos.

1. Etnografia: Microanálise etnográfica



Um dos principais pontos desse estudo estar em se trabalhar com o uso da pesquisa etnográfica, por se tratar de uma abordagem de investigação científica, que traz contribuições importantes para diversos campos de pesquisa, por se apresentar de forma ativa e participativa nas interações sociais.

E nesse sentido, Mattos e Castro (2011) explicitam o conceito de etnografia, informando que fazer etnografia implica em:

1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado.

Esse conceito mostra que o pesquisador deve ter um cuidado minucioso, ao desempenhar esse tipo de pesquisa, já que precisa atuar com ética e bom senso no que diz respeito a coleta de informações e melhor compreensão dos fenômenos culturais.

Por se tratar de uma observação que se desenvolveu a partir dos modos de vida das pessoas nos séculos XIX e XX, ou seja, a etnografia vinha descrever sobre um tipo particular de uma sociedade, trazendo informações desconhecidas. Mattos e Castro (2011) informam que etnografia vem ser uma especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo. Indo de encontro ao que Angrosino (2009) fala, já que etnografia significa literalmente a descrição de um povo.

Assim, para (GEERTZ, 1989, p. 15 *apud* Mattos e Castro 2011, p. 54) praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário “ o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”.

Nesse ponto é observável que praticar etnografia é saber descrever de forma densa os grupos pesquisados, percebendo a existência de legado cultural tendo em mente todo um contexto de ações e fatos percebidos. Portanto, segundo Mattos e Castro (2011) etnografia é a escrita do visível. Em que a descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.

Já que este um estudo que lida com a linguagem, tendo como base a microanálise etnográfica buscou-se subsídio nas informações de Mattos e Castro (2011) que dizem que a microanálise etnográfica é um instrumento da etnografia, frequentemente utilizada nos estudos da linguagem, e caracterizada como: sociolinguística da comunicação, microanálise sociolinguística, sociolinguística interacional, análise de contexto, análise de discurso, análise da conversação. Conforme (LUTZ,1983 *apud* Mattos e Castro 2011), é considerada como micro porque estuda-se particularmente um evento ou parte dele, ao mesmo tempo em que se dá ênfase ao estudo das relações sociais em grupo como um todo, holisticamente.

Em microanálise ao mesmo tempo em que se dá ênfase ao significado das formas de envolvimento das pessoas como atores, exige-se do pesquisador um detalhamento criterioso na descrição do comportamento através da transcrição linguística verbal e não-verbal de comportamento - olhares, pausas, tom de voz, detalhes da interação e o que isto significa. (ERICKSON, 1982, 1992; KENDON, 1977 *apud* Mattos e Castro 2011).

Ao trazer para sala de aula um contexto de interação e uma relação aluno/professor somos guiados pela compressão de Mattos e Castro (2011) em que a microanálise etnográfica vem levar em consideração não somente a comunicação ou interação imediata da cena, como também a relação entre esta interação e o contexto social maior, a sociedade onde este contexto se insere. E por fazermos parte de uma sociedade que necessita vivenciar práticas de letramento constante, o uso da leitura e da escrita não podem ficar esquecidos.

2. Letramento: práticas sociais de leitura e escrita

Segundo Marcuschi e Dionisio (2007) Letramento é uma expressão que hoje vem se especializando para apontar os mais variados modos de apropriação, domínio e uso da escrita como prática social e não como uma simples forma de representação gráfica da língua. E para esses autores o termo letramento seria melhor usado para indicar os aspectos sócio-históricos da aquisição e domínio da escrita em relação à situação etnográfica no grupo em que a escrita ocorre ou pretende ser introduzida.

No entanto, para realização de propostas de ensino é fundamental que haja práticas de letramento, mas temos que ter a consciência de que é função da escola é formar sujeitos letrados (no sentido pleno da palavra), não apenas sujeitos alfabetizados. (Kleiman e Morais, 2002).

Segundo as autoras citadas, ser alfabetizado significa para os órgãos governamentais, poder assinar o nome e reconhecer as letras do alfabeto. Assim, a diferença entre ser alfabetizado e ser letrado está no grau de familiaridade com os diversos usos da escrita do cotidiano. E para essas escritoras ser letrado também se estende a práticas orais.

Assim, Kleiman e Morais (2002) dizem que hoje em dia o indivíduo precisa ser bilíngue, no que se refere à língua oral e à língua escrita; ele deve ter tanta facilidade para compreender e produzir textos escritos como a que ele tem para compreender e produzir o texto oral.

Marcuschi e Dionísio (2007) afirmam que tanto a fala como a escrita acompanham em boa medida a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as formações e as representações sociais. A oralidade como prática social se desenvolve naturalmente em contextos informais do dia-a-dia. Tendo-se que a apropriação da escrita que se desenvolve em contextos formais, isto é, no processo de escolarização.

Ainda segundo Marcuschi e Dionísio (2007), a escrita é tanto uma forma de domínio da realidade no sentido de apreensão do saber e da cultura, como é também uma forma de dominação social enquanto propriedade de poucos e imposição de um saber oficial subordinador.

Para melhor base no estudo abordado, que visa estabelecer o letramento na sala de aula, estaremos guiados pelas ideias de Geraldi (2003) que considera a produção de textos (orais e escritos) como o ponto de partida (e o ponto de chegada) de todo e qualquer processo de ensino/aprendizagem da língua.

3. Dinâmica dos processos de ensino e aprendizagem: a aula de Língua Portuguesa

Nessa seção será feita a descrição de alguns pontos relacionados às aulas de Língua Portuguesa, realizando-se a interpretação dos principais momentos das práticas de letramento vivenciados na sala de aula. Segundo Angrosino (2009), a pesquisa etnográfica deve ser usada para registrar um processo, pois ao contrário de uma relação estaticamente nítida, um processo é um



composto de elementos numerosos e sempre cambiantes. Em que a vida real deve ser encarada como um processo dinâmico.

Assim, iniciou-se esse processo no dia 09/06/16 com uma atividade relacionada às festas juninas, tarefa essa realizada em forma de projeto pela escola municipal João Emídio dos Santos, povoado Braga de Cima, zona rural de Tacima –PB. Trabalhando-se com a literatura de cordel com 20 alunos que compõem a turma do 8º ano da disciplina Língua Portuguesa.

3.1 Dinâmica dos processos de ensino e aprendizagem: Interpretações da aula

Por entender que o trabalho etnográfico é inescapavelmente retórico, (Atkinson e Delamont, 1990, p.122 *apud* Zago; Carvalho; Vilela (orgs.), 2003, p. 165) afirmam que não só a etnografia, mas todas as ciências sociais, são textualizadas e, portanto, retóricas. Assim, esses autores enxergam que o texto científico social é, antes de mais, isso mesmo – texto: tecido simbólico, a marca inscrita da linguagem com que o autor faz as interpretações das realidades sociais.

Interpretação – Momento (1)

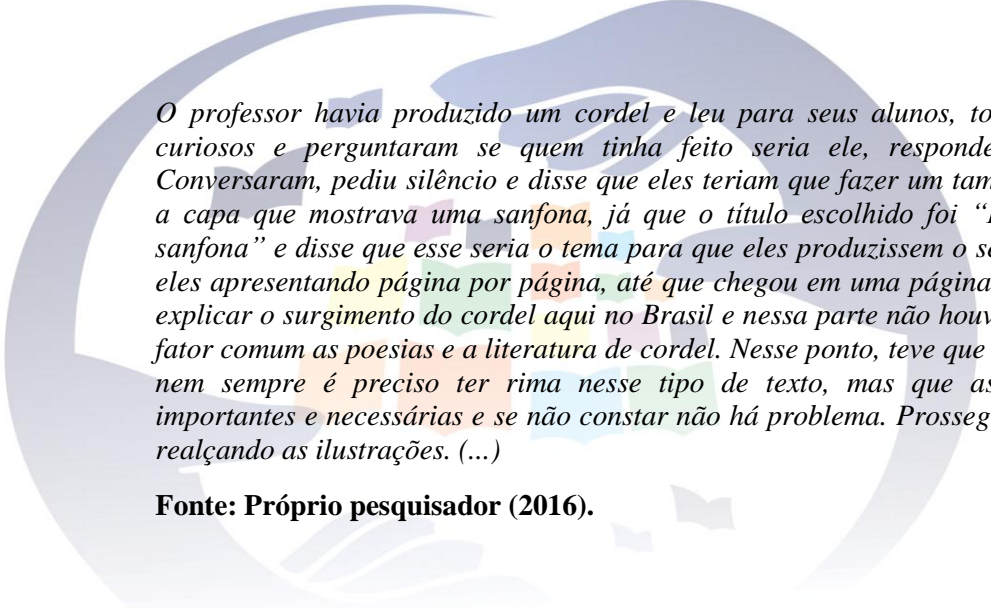
Adentrou na sala de aula quando o sinal da escola tocou, pois já era mais ou menos 13:15 hs, deu boa tarde, perguntou se os alunos haviam feito a atividade que tinha passado na aula anterior e pediu os cadernos para dar o visto, foi em algumas carteiras deu o visto no caderno de alguns alunos e outros vieram até a sua mesa. Depois de corrigir o exercício, algumas vezes utilizando o quadro e em outras apenas oralmente. Falou que a escola todos os anos trabalha com os alunos as festas juninas e que ele e outra professora ficaram responsáveis por realizar uma atividade nessa turma. Ficando combinado que a professora de arte ornamentaria a sala com o auxílio deles e o professor de português criaria alguma coisa que envolvesse a leitura e a escrita. (...)

Fonte: Próprio pesquisador (2016).

Esse primeiro momento é marcado pela chegada do professor na sala de aula, correção de uma atividade e informação sobre a realização do projeto que dará início ao processo de confecção, escrita e leitura de um cordel. Com embasamento no letramento esse professor iniciou sua aula

utilizando a fala, sabemos que essa é uma prática linguística muito comum de comunicação entre as pessoas. Sobre essa relação discursiva, Marcuschi e Dionisio (2007) dizem que toda nossa atividade discursiva situa-se, *grosso modo*, no contexto da fala ou da escrita, e para isso é só observar o nosso dia a dia, falamos constantemente com amigos, familiares, desconhecidos e contamos histórias. O que vem mostrar que as atividades em sala de aula partem da interação professor/aluno.

Interpretação - Momento (2)



O professor havia produzido um cordel e leu para seus alunos, todos ficaram curiosos e perguntaram se quem tinha feito seria ele, respondeu que sim. Conversaram, pediu silêncio e disse que eles teriam que fazer um também. Exibiu a capa que mostrava uma sanfona, já que o título escolhido foi “Do cordel a sanfona” e disse que esse seria o tema para que eles produzissem o seu. Leu para eles apresentando página por página, até que chegou em uma página que tentava explicar o surgimento do cordel aqui no Brasil e nessa parte não houve uma rima, fator comum as poesias e a literatura de cordel. Nesse ponto, teve que explicar que nem sempre é preciso ter rima nesse tipo de texto, mas que as rimas são importantes e necessárias e se não constar não há problema. Prosseguiu a leitura realçando as ilustrações. (...)

Fonte: Próprio pesquisador (2016).

Observamos que nesse instante o professor resolve entrar com o texto na sala de aula lendo e expondo argumentos de modo que façam com que o aluno venha a se interessar pelo conteúdo. Então, parafraseando Marcuschi e Dionisio (2007), podemos afirmar que esse professor utilizou termos relacionados a *escrita* e *fala* para designar o texto enquanto processo e produto pelo qual organizamos e transmitimos os nossos conhecimentos. E como afirma Geraldi (2003) é no processo social do sistema de referência que as expressões se tornam significativas. Segundo esse autor a leitura incide sobre “o que se tem a dizer” porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente.

Então, o professor partiu da ideia de que a escrita do seu texto poderia ser referência para o aluno, que a partir daí teria a possibilidade de construir a sua própria forma de dizer.



Interpretação - Momento (3)

*Na aula do dia 15/06/16, após o porteiro abrir a sala de aula, o professor deu boa tarde e perguntou se os alunos terminaram o trabalho sobre cordel em casa, e nenhuma equipe havia terminado, justificando-se que não tiveram tempo (...) deixou que finalizassem (...) Passou em alguns grupos dando sugestões e assim foi se passado a aula e no fim apenas uma equipe e uma menina que estava sem grupo entregou o cordel e o restante pediu para entregar no outro dia e para evitar que continuassem assim, tentando enganá-lo, para não finalizar, **ameaçou que quem não entregasse ficaria sem nota, porque não iria receber mais.** (...) No outro dia, ainda finalizando o trabalho (...) o primeiro grupo que havia terminado colocou o cordel no varal exposto pelo professor ao lado da janela e como não estavam querendo apresentar, o professor disse para turma que a apresentação seria por ordem de acordo com quem colocasse o seu cordel dependurado no cordão. **Fizeram implicância que não iam ler, então, o educador disse que teriam que ler, se não ia dar nota ou tiraria ponto, nisso resolveram ler.** Os demais não chegaram a colocar o cordel no lugar, pois resolveu começar as apresentações.*

Fonte: Próprio pesquisador (2016).

Constituímos que a representação destas cenas vem caracterizar um problema na sala de aula que é o controle da turma através da nota, pois quando o professor fala que vai tirar ponto, os alunos rapidamente se prontificam a ler. Indo de encontro ao que ERICKSON, 1986 *apud* Mattos e Castro, 2011 falam, já que a nota esteve intimamente ligada à relação assimétrica de poder entre o professor e os alunos.

Interpretação - Momento (4)

O primeiro grupo formado por três meninos, quando menos se esperou já estavam com as cadeiras colocadas em frente ao quadro e sentados prontos para ler o cordel, um deles leu duas quadrinhas e outros dois leram três quadrinhas, como iria atribuir uma nota, o professor resolveu que todos iriam avaliar as apresentações dando uma nota de zero a dez. Na sequência das filas foi perguntando um por um, qual nota dariam para esse grupo, um dos desvios cometidos por eles foi pegar o cordel do ministrante da aula e parafrasear sem ter uma ideia própria do que produzir. Colocou as notas que todos os alunos atribuíram, além das que o próprio grupo deu e a dele, e dividiu pela quantidade de notas, ficando a equipe com nota 8,4 e arredondou para oito e meio. A menor nota dada para grupo foi 5 e eles claro que não gostaram, olharam feio para o menino que atribuiu, mas tiveram que aceitar. (...)

Fonte: Próprio pesquisador (2016).

Podemos analisar que essa foi uma ocasião em que ocorreu um evento de letramento, e seguindo os passos de Soares, 2004, p.105, essa foi uma situação em que a fala se organizou ao redor de um texto escrito, envolvendo compreensão e inclusão de características da vida social, por exemplo, a socialização da produção do cordel. Portanto, esse foi um evento em que as práticas de letramento foram planejadas e instituídas, a partir de critérios pedagógicos, com objetivos pré-determinados, visando à aprendizagem, conduzida por uma atividade de avaliação. Nesse sentido, a escola de certa forma substanciou as atividades de leitura e de escrita em relação aos seus usos sociais, criando seus próprios e peculiares eventos e práticas de letramento.

Conforme Kleiman (1995), o letramento não está restrito ao sistema escolar, mas cabe a ele fundamentalmente, levar seus alunos a um processo ainda mais profundo nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Assim, ROJO 2009, p.98 informa que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida, de maneira ética, crítica e democrática.

Conclusões

Diante de uma sociedade que tem pouco hábito de leitura e escrita, conseguir elaborar trabalhos que instiguem os alunos a práticas de letramento se torna algo pouco imaginável. Mas com ideias e propósitos verdadeiros o professor pode se sentir motivado e motivar quem está ao seu redor, nesse caso o aluno. Elevando a participação de todos, fazendo com que se sintam capazes de produzir seus próprios textos.

Desse modo, o professor se sentirá com o desejo claro de descrever sua aula, pois verá que se houver dedicação e empenho poderá alcançar diversos objetivos, e se esses estiverem condizentes com a realidade do aluno, melhor ainda. Mas é preciso observar que o aluno almeja algo em troca, como a nota, por exemplo. Assim, como professor, foi possível observar a existência do controle da aula em troca da nota.

Querendo ou não a nota atribuída pela realização de uma atividade ainda é uma forma de poder em sala de aula. O diferencial nesse trabalho é que os alunos também avaliariam seu desempenho diante da atividade feita, confecção/produção escrita/leitura do cordel.



Podemos destacar o pensamento de (ERICKSON, 1986 *apud* Mattos e Castro, 2011) que a supervalorização da nota está intimamente ligada à relação assimétrica de poder entre o professor e os alunos. No caso descrito houve uma subdivisão em que todos os alunos juntamente com o professor fizeram a avaliação.

E em se tratando de lidar com os alunos indisciplinados essa foi uma ideia coerente, já que o professor uniu os papéis, não trazendo a total responsabilidade para si. Então, Mattos e Castro (2011) colocam que o professor tem dificuldade para lidar com pequenos grupos indisciplinados em sala de aula. Não sabem lidar com as lideranças negativas. O conteúdo e a nota são usados como instrumento de normatização, isto é, para ameaçar o aluno indisciplinado.

Podemos afirmar que apesar de estarmos com o sentimento de manter um ambiente escolar em que o aprendizado esteja em primeiro lugar, precisamos ainda de um maior controle no que diz respeito a rebeldia. E se práticas de letramento podem nos auxiliar, é importante que saibamos utilizá-las de modo condizente com a cultura do nosso alunado.

Referências

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fonte, 2003.
- KLEYMAN, Ângela e MORAES, Silva. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas(SP): Ed. Mercado de letras, 2002.
- KLEIMAN, Ângela B. (org), **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.
- MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books .
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social** – São Paulo: Párabola Editorial, 2009.
- SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001 (org.) Vera Massagão Ribeiro – 2ª Ed. – São Paulo, Global , 2004.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB



ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira., orgs. **Itinerários de Pesquisa:** perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: 2ª ed. Lamparina, 2011.

